

# Domínios da Imagem

## **VEJA E O LESTE EUROPEU: O COLAPSO DO BLOCO SOVIÉTICO (1989-1992)**

Sabrina Rodrigues Marques

vol. 17, n. 32. junho de 2023





## VEJA E O LESTE EUROPEU: O COLAPSO DO BLOCO SOVIÉTICO (1989-1992)

### Veja and East European: the collapse of the Soviet Block (1989-1992)

Sabrina Rodrigues Marques<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo geral compreender como a revista *Veja* fez a cobertura jornalística sobre o Leste Europeu durante o colapso do bloco soviético, entre os anos de 1989 e 1992. No decorrer da cobertura jornalística, *Veja* procurou traçar e prever um cenário futuro para os países. A publicação expôs e defendeu diferentes soluções e medidas capitalistas para as Democracias Populares e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A metodologia utilizada será analisar as matérias que caracterizaram a transição econômica do Leste Europeu. O mapeamento das fontes e a seleção de matérias e artigos de *Veja* resultaram em recortes temáticos que giram em torno dos principais países que mais tiveram matérias e reportagens publicadas pela revista, como Polônia, Hungria, Alemanha Oriental e URSS. As matérias de *Veja* sobre essa parte da Europa tinham notícias e reportagens que traziam resumos jornalísticos sobre o período e um panorama geral sobre a conjuntura política e econômica dos países.

**Palavras-chaves:** Imprensa; Revista *Veja*; Bloco Soviético.

**Abstract:** The general objective of this article is to understand how *Veja* magazine covered Eastern Europe during the collapse of the Soviet bloc, between 1989 and 1992. During the journalistic coverage, *Veja* sought to outline and predict a future scenario for the countries. The magazine exposed and defended different solutions and capitalist measures for People's Democracies and the Union of Soviet Socialist Republics (USSR). Therefore, the methodology used will be to analyze the subjects that characterized the economic transition of Eastern Europe. The mapping of sources and the selection of stories and articles from *Veja* resulted in thematic clippings, which revolve around the main countries that had the most stories and reports published by the magazine, such as: Poland, Hungary, East Germany and the USSR. *Veja's* articles about this part of Europe had news and reports

---

<sup>1</sup> Mestrado em História-UNIOESTE. MCR/PR. Professora Coordenadora de Práticas Inovadoras, Escola Estadual Lúcia Martins Coelho. [proptical@hotmail.com](mailto:proptical@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6258-588X>



that brought journalistic summaries about the period and a general panorama about the political and economic conjuncture of the countries.

**Keywords:** Press; *Veja* magazine; Soviet Bloc.

## INTRODUÇÃO

No século XXI, diante do “espectro comunista” (MARX; ENGELS, 2007, p.1) e um país dividido entre esquerda e direita, a cobertura jornalística feita pela revista *Veja*, em 1989, é de suma importância para entender o imaginário comunista brasileiro nos dias atuais. Neste artigo, apresentaremos como a *Veja* fez essa cobertura, com relação ao processo de restauração econômica do Leste Europeu. O recorte cronológico refere-se ao período de crises econômicas e políticas dentro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e nas Democracias Populares até a restauração do capitalismo.

A restauração do capitalismo dentro do bloco soviético resultou na reunificação da Alemanha e na desintegração da URSS. Segundo Arantes (2015, p.441), o processo de restauração do capitalismo dentro do bloco soviético se deu por meio de uma aliança entre os políticos liberais e as instituições ocidentais, acompanhadas pelas medidas de “democratização”.

No entanto, o foco do artigo centra-se no Leste Europeu e nas diferentes matérias publicadas pela *Veja*. O conceito “Leste Europeu” seria um consenso na imprensa mundial. Além disso, a maioria das matérias publicadas no editorial da revista era originária de agências internacionais de informação. Segundo Franciscon (2013, p.11), alguns jornais mantinham redações em Moscou, como a *Folha de S. Paulo*. O historiador afirma que *Veja* raramente mandou repórteres seus para esta região da Europa.

Durante toda a cobertura jornalística sobre o colapso do bloco soviético, *Veja* defendeu, em suas páginas, diferentes medidas capitalistas para as



Democracias Populares e para a URSS. O mapeamento das fontes e a seleção de matérias e artigos de *Veja* resultaram em recortes temáticos, que giraram em torno dos principais países que mais tiveram matérias e reportagens publicadas pela revista, como Polônia, Hungria, Alemanha Oriental e URSS.

Sendo assim, a metodologia utilizada neste artigo são análises de discursos e de conteúdos midiáticos. A revista, no todo, permite abordagens utilizadas para estudar e interpretar discursos e conteúdos presentes na mídia. A análise de discurso busca compreender como as estruturas linguísticas e sociais influenciam a produção e recepção dos discursos, enquanto a análise de conteúdo midiático investiga o significado e a representação dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. Ambas as metodologias são importantes ferramentas para analisar o poder, ideologias, estereótipos e construções sociais presentes nas mensagens midiáticas.

Nas matérias analisadas, procurou-se evidenciar o posicionamento político de *Veja* com relação aos processos de restauração do capitalismo. A pesquisa foi dividida em recortes temático-cronológicos, recortes estes que deram origem a algumas tabelas. No texto, as tabelas contêm como informação: edição, ano, título, subtítulo e data de publicação das matérias.

A importância da pesquisa reside em entender como a cobertura jornalística de *Veja*, ao longo dos anos, contribuiu para reforçar e afirmar ideias anticomunistas. A publicação produziu diferentes frases de efeito, como: “o terrorismo stalinista, da ditadura do partido único, da perseguição aos dissidentes, da estatização total da economia” (VEJA, 1.097, 1989, p.62). Além das frases de efeito, o colapso do bloco soviético foi visto, publicado e ironizado por *Veja* como: “Hungria e o ritmo acelerado das reformas políticas e econômicas” VEJA, 1.074, 1989, p.46, “O laboratório de reformas do bloco soviético” VEJA, 1.074, 1989, p.48, “O terremoto das reformas sacode o comunismo”, VEJA, 1.074, 1989, p.42 entre outras matérias que buscou



caracterizar as crises econômicas e políticas do bloco soviético pela visão do editorial.

A construção dessas ideias anticomunistas durante o colapso do bloco soviético não só reforçou um discurso anticomunista como naturalizou o capitalismo como o único sistema econômico vitorioso. Durante suas matérias, tanto a União Soviética como a Alemanha Oriental seriam demonstradas como “países resistentes à avalanche de reformas políticas e econômicas que aconteciam no bloco soviético” (VEJA, 1.074, 1989, p. 64). Nos finais do século XX, o “fim do comunismo” era assistido, pelos assinantes, como um sistema fracassado: “O Socialismo Real caminhava para a lata do lixo da História” (VEJA, 1.111, 1989, p. 104) e como um “regime caquético, morto e extinto” (VEJA, 1.111, 1989, p. 104).

Nesse sentido, o artigo seguiu a linha teórica marxista, precisamente, porque em textos midiáticos envolve a análise crítica das relações de poder, ideologia e exploração presentes na mídia. Através dessa abordagem, buscou-se compreender como os meios de comunicação reproduzem e perpetuam as desigualdades sociais e econômicas, bem como as contradições do sistema capitalista. Esta linha teórica possibilita na identificação das estruturas de classe, nas formas de alienação e na manipulação da consciência coletiva. Assim sendo, essa perspectiva crítica permite desvelar os interesses políticos e econômicos subjacentes à produção e disseminação das mensagens midiáticas, contribuindo para uma leitura mais aprofundada e consciente dos discursos veiculados pela mídia.

Assim, para compreendermos melhor, a Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental e a URSS foram os países que mais tiveram matérias publicadas por *Veja*, e serão esses países os primeiros a restaurar a economia de mercado e restabelecer definitivamente o sistema capitalista dentro do bloco soviético. As matérias sobre a URSS e as Democracias Populares centrou-se na sessão



internacional, mas localizamos alguns artigos e matérias sobre os temas abordados fora desta sessão e em outras partes do editorial.

### **VEJA E O LESTE EUROPEU**

No fim do século XX, a URSS e as Democracias Populares ficariam reconhecidas, mundialmente, como o “Leste Europeu” em colapso econômico e político. Esses países sofreriam grandes transformações políticas, econômicas e sociais. As transformações que ocorreram na Europa, nos anos oitenta, foram resultado das diferentes reformas implantadas pelo líder soviético Mikhail Gorbachev, dentro da URSS, e pelos diferentes líderes das Democracias Populares, como Lech Walesa (Polônia) e o líder Károly Grósz (Hungria), que ficariam conhecidos e destacados por *Veja*.

Na URSS, essas reformas ficaram conhecidas como *glasnost* (transparência) e *perestroika* (reestruturação), e dentro das Democracias Populares, a própria revista nomearia como uma “avalanche de reformas econômicas e políticas”. Ao implantarem um conjunto de reformas de caráter “liberalizante”, países como Polônia, Hungria, Alemanha Oriental, além de alguns países das URSS, procurariam, longe do campo socialista, solucionar as suas diferentes crises políticas e econômicas.

Rodrigues (2006, p.202) afirma que, a partir de 1985, o grande público ocidental tomaria conhecimento da grave crise pela qual passava a URSS e as Democracias Populares. Mundialmente, assim que anunciada a crise política e econômica, pelos países, o programa de reformas econômicas e políticas projetaria Gorbachev, na imprensa, como uma personalidade mundial frente ao fracasso do Socialismo Real. No editorial de *Veja*, a *perestroika* previa uma reconstrução econômica e a *glasnost* uma reestruturação política. Segundo Franciscon:



A perestroika e a glasnost eram objetivos mais distantes da nova liderança, que previa, de imediato, a uskorenie, a aceleração quantitativa da produção em termos andropovianos de cumprimento de metas e rigidez no ambiente de pesquisa. A perestroika era a reforma a longo prazo do parque agroindustrial do país e a glasnost a liberdade de expressão e informação dentro das empresas e dentro do partido. (FRANCISCON, 2013, p.11).

Posto isto, as contradições da URSS e das Democracias Populares seriam ressaltadas por todo o editorial de *Veja*, desde a implantação do Socialismo Real até o tráfico de mercadorias que acontecia entre os países orientais e ocidentais.

A revista destacou que a implantação das reformas iniciaria pela Polônia, prosseguiria na Hungria e, em seguida, levaria a uma onda de manifestações políticas na Alemanha Oriental e na URSS. Durante a restauração da economia de mercado nos países, *Veja* destacou o caso da Romênia, que foi o único país que derrubou o governo violentamente e executou o seu chefe de Estado, Nicolae Ceausescu.

Diante dos fatos históricos publicados pelo editorial de *Veja*, Mészáros (2011, p.15) defendeu que os desdobramentos no Leste Europeu, em 1989, foram convenientemente usados para justificar o quadro harmonioso, triunfante e saudável do sistema capitalista. Já numa perspectiva chomskiana (2005, p.43), o consenso ideológico quanto a legitimidade e viabilidade de uma democracia liberal, bem como a crise do “Socialismo Real” teriam como efeito a manutenção de um capitalismo mundial hegemônico.

Durante todas as transformações econômicas e políticas dos países, a publicação construiu um discurso de defesa e exposição de diferentes medidas neoliberais. Essas “medidas” foram defendidas por *Veja* como o único caminho a ser seguido pelos países “comunistas” para a restauração de um sistema capitalista. Na época, o Brasil passava por um processo de



redemocratização, e *Veja* procurava deslegitimar a candidatura do petista Luís Inácio Lula da Silva e emplacar o seu candidato, Fernando Collor de Mello, ou seja, a revista buscava barrar a “ameaça comunista”, um “comunismo à la brasileira”.

Nesse sentido, como um “partido neoliberal” (SILVA, 2005, p.8), nos anos oitenta e noventa, *Veja* tinha como projeto político-econômico o neoliberalismo no Brasil, e defendia, para os países socialistas, medidas que restaurassem o capitalismo. Essas medidas, expostas em suas páginas, girou em torno da liberalização de créditos, privatização, circulação de capital estrangeiro e o livre mercado.

A queda do Muro de Berlim, a reunificação alemã e a desintegração da URSS, a partir dos anos 1990, serviriam de justificativas para *Veja* defender aos seus leitores que o comunismo “faliu, acabou, esgotou-se. A coisa que não deu certo” (VEJA, 1.111, 1989, p.104). Assim, como uma imprensa liberal, a publicação foi e é um instrumento político-ideológico para a disseminação do pensamento único: “Não há alternativa”.

A frase, do pensador franco-americano Alexis de Tocqueville, foi muito utilizada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) durante as décadas de sessenta, setenta e oitenta. Na transição da década de oitenta para a de noventa, as frases e os discursos de que “Não há alternativa” ficariam cada vez mais explícitos dentro do editorial de *Veja*.

Esses discursos manteriam, e legitimariam, a hegemonia do capitalismo global. Essa manutenção ideológica tinha por objetivo a formação de quadros de intelectuais orgânicos em diversas áreas e investimentos em pesquisas científicas que pudessem formar opiniões públicas e corroborar o *status quo* do capital. Para defender essas medidas neoliberais, tanto para os seus leitores quanto para os países que estavam em transição político-econômica, *Veja* procurou, em seu editorial, lembrar e comparar os processos históricos que aconteceram na Europa – como a Revolução Russa de 1917, que culminou



no surgimento da URSS, com o processo político e econômico que ocorreria em 1989, que ocasionou o colapso de um sistema planejado e socialista. Essas comparações históricas, sem uma explicação prévia e com viés ideológico neoliberal, apareceriam em suas matérias, em formatos de trocadilhos nos textos:

**Desde 1917 não se via algo semelhante na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.** Primeiro, se marcaram eleições em que se **permitiu a participação de candidatos** que defendessem algo diferente das diretrizes do Partido Comunista. Depois, durante a campanha foram promovidos animados comícios eleitorais, manifestações de rua e debates entre os candidatos, alguns deles até transmitidos pelo rádio. (VEJA, 1.074, 1989, p.42, **grifos nossos**).

Ao analisar os textos, percebe-se que a *Veja* confundia o seu leitor com fatos e datas históricos, sem nenhuma preocupação em estabelecer uma linha temporal da Europa ou explicar sobre os países, sua cultura, política e economia. Além disso, nessa matéria, ainda desinformava os seus leitores quando afirmava que “não se fazia (*sic*) eleições na União Soviética” (VEJA, 1.074, 1989, p.42). A troca dos fatos históricos fazia com que a revista associasse e comparasse o período da Revolução Russa com o período czarista, no qual realmente não aconteciam eleições ou manifestações populares, onde não havia espaços para as participações políticas democráticas.

Sendo assim, para compreendermos, o período czarista ocorreu entre 1868 e 1917. Até início de 1917, o país vivia um período em que o Czar Nicolau II governava de forma absoluta. Em fevereiro de 1917, a Revolução Russa estourou, dividindo-se em dois momentos: o primeiro, liderado pelos Mencheviques, que reivindicavam uma revolução de cunho liberal; e o



segundo, liderado pelos Bolcheviques, que reivindicavam uma revolução proletária.

Durante esse período, a monarquia russa foi derrubada e levou ao poder o Partido Menchevique; em seguida, os Bolcheviques reivindicam o poder, ganhando a Revolução, em outubro de 1917. Essas desinformações históricas, em seu editorial, *Veja* ignoraria fortemente. Adiante nas análises, foi encontrada outra matéria com trechos relacionados à Revolução Russa. Nessa matéria, novamente associou, e comparou, as reformas da perestroika de Gorbachev ao período em que os Mencheviques estavam no poder, como se constata em:

[...] O preço da liberdade é a eterna vigilância. **“A perestroika foi como a revolução liberal de fevereiro de 1917. O que aconteceu em agosto de 1991 equivale a outubro de 1917”**, compara Chin. “Agora mais do que nunca, temos de lutar para preservar os frutos da nossa vitória”. (VEJA, 1.198, 1991, p.50, **grifos nossos**).

Desse modo, infere-se que, quando existe a comparação da Revolução Liberal, de cunho burguês, de fevereiro de 1917, liderada por Kerensky, com a perestroika de Gorbachev, de 1989, a revista, em suas páginas, defendeu aos leitores que os Mencheviques perderam a oportunidade de ter um sistema livre de mercado e que, ao contrário, naquele momento, não poderia acontecer, de forma alguma, a volta do socialismo, e que a população deveria lutar, e reivindicar o capitalismo. Essa defesa ficaria clara na frase: “O preço da liberdade é a eterna vigilância” (VEJA, 1.198, 1991, p.50).

Segundo Silva (2005, p.8), *Veja* age como um sujeito político que disputa a hegemonia, tornando-se um instrumento político que defende, noticia e encaminha ações de sujeitos concretos. Para defender o discurso neoliberal,



*Veja* utilizou diferentes recursos, como recursos gráficos, linguísticos e entrevistas com vários intelectuais, chanceleres, economistas e professores.

Ou seja, *Veja* procurou trazer, em suas matérias, “vozes autorizadas” (2004, p. 27) para dar veracidade e legitimidade ao que publicava sobre as Democracias Populares e a URSS. No editorial, além de todos os recursos gráficos disponíveis, a revista produziu linhas temporais que tinham como característica trazer os fatos que mais se destacavam no mundo, naquele momento. A linha temporal apresentada no texto seguia este formato:

**Imagem 1.** Linha temporal sobre os conflitos de Kosovo



**Fonte:** Acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

Portanto, a construção de linhas temporais dentro dos editoriais, assim como elementos textuais e imagens, seriam, na opinião de *Veja*, os fatos que impunha como sendo os mais importantes sobre as crises políticas e econômicas do Leste Europeu. A linha temporal apresentada aqui tinha como conteúdo as tensões sobre conflitos étnico-políticos que ocorriam na Iugoslávia e a independência de Kosovo. O país estava em crise, diante da queda da URSS, e lutava por independência política e econômica. Observa-se



que *Veja* dá ênfase ao título “Rumo à implosão” (VEJA, 1.074, 1989), destacando o racha e o fim do socialismo na URSS.

Cabe ainda destacar que essas linhas temporais eram apresentadas por *Veja* sempre ao final das matérias. Nas análises, essas linhas temporais teriam dois objetivos: o primeiro, a produção de notícias para aquele leitor que buscava uma informação rápida sobre esta parte do mundo. O segundo, um recorte editorial próprio da revista, em que ela buscava expor sua opinião sobre aquele momento histórico.

Além desses recursos cronológicos, *Veja* produziu, durante anos, diversos desenhos e slogans que simulavam a quebra, o racha e a desintegração das repúblicas socialistas. Constatam-se, abaixo, imagens relacionadas aos conflitos e à desintegração das repúblicas socialistas que aconteciam no Leste Europeu:

**Imagem 2.** A foice e o martelo desintegrando-se



**Fonte:** Acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

O desenho em vermelho e rachado, nas páginas da publicação, representava o fim do “Socialismo”. Esses recursos linguísticos foram destacados de diversas formas e o que dava ênfase e corpo para as imagens eram as frases de efeito. A revista procurava vender que o mundo estava, finalmente, livrando-se do comunismo.

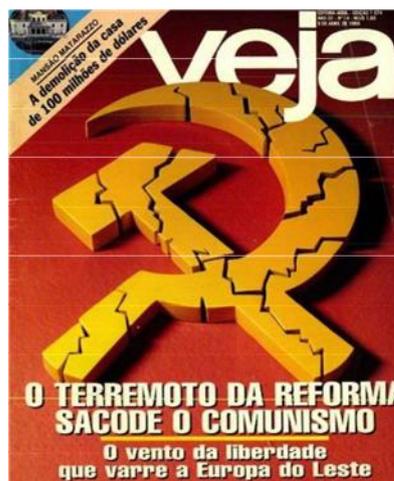
Outros recursos utilizados foram a utilização de cores como recurso gráfico, principalmente o vermelho e o amarelo. Segundo Gonçalves e Alexandria (2010, p.1), a repetição e combinação de cores como incorporação



ou vinculação a determinados contextos negativos estimula na formação intelectual e incorpora no imaginário dos leitores ideias negativas, no caso aqui descrito, os países que se encontravam em crises econômicas e políticas. Assim, ilustrações, desenhos e legendas das matérias permearam o imaginário do leitor, enfatizando um mundo sangrento e de esfacelamento.

Durante as décadas de 1980 e 1990, *Veja* publicou diversas capas, mas a capa apresentada na Imagem 3 é a mais emblemática da época: o símbolo do comunismo rachado e desintegrado, a capa com cores vermelhas e amarelas, e a frase “O terremoto da reforma sacode o comunismo” (VEJA, 1.074, 1989) representaram a intencionalidade da revista em dizer aos leitores sobre a crise político-econômica que a URSS e o Leste Europeu enfrentavam:

**Imagem 3.** Sobre as crises econômicas e políticas no Leste Europeu



**Fonte:** Acervo digital. *Veja*: Edição: 1.074, 05.04.1989.

Na *Veja*, os recursos gráficos foram utilizados de diversas formas para chamar a atenção do leitor para o “fim do comunismo” e a desintegração de um bloco econômico. Nesse sentido, no editorial, as autoras Gonçalves e Alexandria (2010, p.1) afirmam que a leitura visual de uma página impressa se faz em três níveis diacrônicos: o das imagens; o dos títulos; e o dos textos.



Ainda, Gonçalves e Alexandria (2010, p.1) afirmam que os elementos gráficos é uma simulação de tridimensionalidade que provoca reações físico-motoras no receptor, aproximando as informações graficamente “sussurradas” e que exigirão mais atenção, e afastando as informações “gritadas” e que chegam impositivamente aos olhos, e outros diversos movimentos do olhar em perscrutação. No campo da esquerda, o símbolo da foice e do martelo simboliza, mundialmente, a luta dos trabalhadores e dos camponeses contra a burguesia industrial e rural. No entanto, em *Veja*, a foice e o martelo rachados simbolizavam a desintegração da URSS e o fim do socialismo real.

Nas nossas análises, os símbolos, a foice e o martelo em amarelo e o fundo em vermelho, davam ênfase a um sistema econômico “doente”, “sangrando” e “desmoronando”; o significado real não importava e, sim, o que representava naquele momento. Além das cores e das frases de efeito, *Veja* também utilizou os recursos climáticos para caracterizar as crises políticas e econômicas do Leste Europeu.

Essas crises seriam representadas como fenômenos da natureza “devastadores e destruidores” de diversas sociedades, como colocado várias vezes pela revista: “Terremoto no Leste” (VEJA, 1.074, 1989.), “Primavera no Leste” (VEJA, 1.071, 1989.) e “Paraíso Congelado” (VEJA, 1.118, 1990.). Segue um exemplo de matéria, na Imagem 4:



**Imagem 4.** Sobre o início da abertura política dos países para o Ocidente



**Fonte:** Acervo digital. Veja: Edição: 1.074, 05.04.1989.

Os fenômenos da natureza apareciam em formato de títulos e completados pelos textos das matérias. A construção dos títulos e dos subtítulos evidenciou a criatividade editorial da publicação em relação ao seu leitor, para que, de forma didática e ilustrativa, ele “compreendesse” e “incorporasse” o fim do socialismo.

Em 1989, o Leste Europeu foi representado, nas páginas de *Veja*, como três fenômenos políticos: “Primavera no Leste” (VEJA, 1.071, 1989), “Terremoto no Leste” (VEJA, 1.074, 1989) e o “Bloco da mudança” (Veja, 1.101, 1989). Em seus discursos, a revista classificou e qualificou cada um desses fenômenos políticos. Outro recurso linguístico utilizado foram palavras relacionadas a acordos, comidas, doenças e sentimentos.

Essas estratégias midiáticas, utilizadas por *Veja*, ora tinham o sentido negativo, ora tinha o sentido positivo, como “Esperança do Leste” (VEJA, 1.084, 1989). Desse modo, quando o título se referia às crises econômicas e políticas dos países, à restauração do capitalismo e às reivindicações da sociedade, os títulos vinham da seguinte forma: “Comunismo em Concordata” (VEJA, 1.074, 1989), “Democracia Dói” (VEJA, 1.129, 1990), “Choque Vegetariano” (VEJA, 1.216, 1992), “O Porão da Perestroika” (VEJA, 1.129, 1990) e, por fim, “Comunismo, Adeus” (VEJA, 1.111, 1989).



Essas palavras, utilizadas como recurso linguístico, representavam, para o leitor, sentimentos de dor, de privação ou de acordo. Por exemplo: a palavra “concordata” tem objetivo de representar um acordo entre as partes; esse acordo viria de alguma parte política ou de uma pessoa que deve ceder algo. Já a frase “Choque Vegetariano” estaria relacionada à privação de comida, sem comer tipos de proteína animal. E, por último, a “Democracia Dói” remeteria à dor, uma espécie de sofrimento em viver nessa região do planeta, em um país socialista; diante da transição de sistema, os cidadãos deveriam aprender as novas regras políticas e econômicas; e isso teria um preço, como a concorrência de mercado.

Portanto, a maioria dos títulos com teor negativo possuíam hipérboles relacionadas às contradições dos países. Além de utilizar todos os recursos linguísticos, midiáticos e gráficos para dar legitimidade à transição econômica, a revista buscou dar voz aos representantes políticos internacionais, tentando traçar o perfil econômico e a restauração do capitalismo dos países.

Para cada país, *Veja* destacou um representante político importante para o processo de transição, por exemplo: na Polônia, Lech Walesa; na Hungria, o líder Károly Grósz; e na URSS, Mikhail Gorbachev. No editorial, Gorbachev ficou conhecido como o líder político na frente das reformas do Leste Europeu. *Veja* afirmava que “Gorbachev assumiu o comando para mudar os rumos da História com a ‘segunda revolução’, ao fim da qual é difícil imaginar o que sobrar da primeira, a de 1917” (VEJA, 1.111, 1989). Observe-se essa capa publicada por *Veja*:



**Imagem 5.** Sobre a sucessão dos governos soviéticos URSS

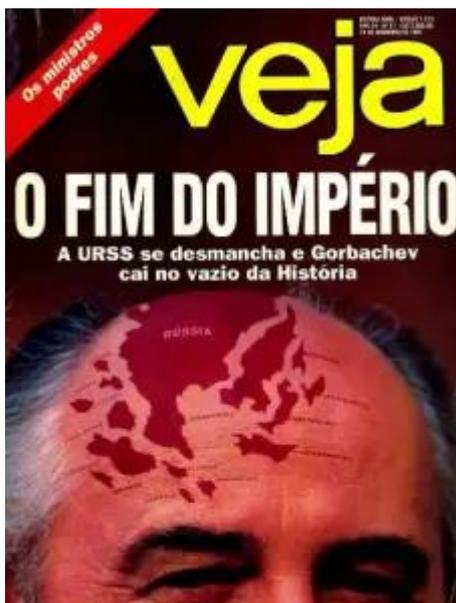


**Fonte:** Acervo digital da Veja: Edição: 1.191, 17.07.1991.

Nessa capa, a publicação associou o processo de restauração do capitalismo na URSS com a Revolução Russa de 1917. A Revolução Russa significou o rompimento do “feudalismo, capitalismo com o czarismo”. Além disso, constata-se uma ironia à cultura do país, com as bonecas matrioska significando as sucessões dos soviéticos no poder, retratando todos os governantes da URSS, desde a Revolução Russa de 1917 até as eleições presidenciais que elegeram Boris Iéltsin. No entanto, no período de transição entre os anos oitenta e noventa, Gorbachev assumiu, nas páginas de *Veja*, o papel de um líder político importante para a restauração do capitalismo. Em 1991, a revista publicou uma edição com uma imagem de Gorbachev:



**Imagem 6.** Sobre Gorbachev e o desmanche da URSS



**Fonte:** Acervo digital da Veja: Edição: 1213, 18.12.1991.

Verifica-se que a capa é composta por vários elementos gráficos e linguísticos que afirmam o fim da URSS. A imagem do líder Mikhail Gorbachev com a Rússia desenhada em sua cabeça vem centralizada na capa da revista, representando um líder frente às reformas econômicas e políticas que aconteciam nos países. Ou seja, para *Veja*, ao assumir o poder e implantar as reformas econômicas e políticas, o líder mudaria todo os rumos da Revolução Russa de 1917, na URSS. Essas reformas resultaram em graves crises políticas, com uma abertura comercial e gradual das Democracias Populares e da URSS ao Ocidente. Além de grandes ondas de manifestações políticas e reformas econômicas, as reivindicações trabalhistas e as crises dentro do partido comunista causavam comoção nacional.

Portanto, o resultado seria um aprofundamento das reformas liberais dentro das Democracias Populares e da URSS e, com isso, o processo de restauração do capitalismo e o desmonte da economia planificada. Para compreendermos o que o Leste Europeu significou para *Veja*, em 1989, escolhemos algumas matérias que foram publicadas entre o período de 1989 a 1992.



As matérias seguem uma linha cronológica dos acontecimentos históricos e, neste artigo, procurou-se montar uma linha temporal para compreender por que a revista *Veja* defendia ideais anticomunista. O contexto por trás de tudo isso, como dito no início deste texto era, nada mais, nada menos, que a implantação de um projeto neoliberal no Brasil. Sendo assim, as matérias destacadas na tabela são as principais notícias que *Veja* publicou sobre o Leste Europeu e o início da abertura política e econômica dos países. Nessa linha cronológica, percebe-se a quantidade de matérias que *Veja* produziu e publicou sobre o período:

**Tabela 1** – O bloco do Leste Europeu

Primavera no Leste Veja:15/03/1989 Edição: 1.071.	No bloco soviético, ensaios de eleições democráticas fazem as urnas florescer. (p. 42)
	Parece difícil de acreditar que os alvoroços típicos das eleições nos regimes democráticos estejam começando, em graus diferentes, a colorir a paisagem do bloco soviético. (p. 42)
	Reivindicações democráticas, como os direitos de associação e manifestação, maior independência do Judiciário e o fim do monopólio comunista da imprensa. Extirpar hábitos antidemocráticos. (p. 42)
	No entanto, o cenário que marcará a partir deste mês a primavera numa gorda fatia do Leste Europeu. No breve intervalo de três meses, dois países comunistas – a União Soviética e a Polônia – farão pela primeira vez disputas eleitorais com liberdade de escolha, ainda que limitada, enquanto em um terceiro, a Hungria, novos partidos brotam como cogumelos, alentados por uma auspiciosa abertura política que culminará também em eleições, no prazo de dois anos. (p. 42)
Terremoto no Leste Veja:05/04/1989 Edição: 1.074	O terremoto da reforma que sacode o comunismo. O vento da liberdade que varre a Europa do Leste. (p. 42)
	Os soviéticos infligem nas urnas uma derrota fragorosa à cúpula dirigente e avançam um passo histórico nas mudanças que sacodem o comunismo. (p. 42)
	O comunismo antes das reformas que vêm mudando sua face. (p. 42)
Bloco da	A nova estação de reformas na Europa Oriental sacode a ordem estabelecida no pós-guerra, abrindo uma era de riscos e oportunidades. (p. 60)



Mudança Veja:18/10/1989 Edição: 1.101	<p>O bloco do Leste, que Brejnev ajudou a manter na linha através da doutrina batizada com o seu nome, pela qual os tanques soviéticos entravam em ação sempre que a “unidade do comunismo” era ameaçada, está de pernas para o ar. Impulsionadas pelo vendaval de abertura na própria União Soviética, as mudanças se sucedem em ritmo cada vez mais vertiginoso. (p. 60)</p> <p>O que se chama de bloco oriental é uma ligação artificial, uma aliança híbrida imposta a partir da conferência de Yalta. A crise da Europa se concentra em sua divisão e agora temos uma oportunidade sem precedentes de criar uma Europa unida. (p. 60)</p>
---	--

**Fonte:** Acervo digital: Veja, produzido por MARQUES, Sabrina (2016).

Por conseguinte, verifica-se que a cobertura jornalística de *Veja* e suas linhas temporais, em um primeiro momento, seguia a linha cronológica das crises e das manifestações político-econômicas; após isso, as matérias centraram-se na abertura política e nas diferentes eleições que ocorriam nessa parte da Europa. Inicialmente, nas páginas de *Veja*, as eleições foram encaradas como o “florescimento” da Democracia Burguesa e uma abertura política dos países para o Ocidente.

Segundo Martorano (2013, p. 38-39), o termo “Democracia Burguesa” é entendido como o que melhor expressa a relação entre classe dominante e burocracia nas condições do capitalismo, ou seja, ela é a forma política da dominação de classe da burguesia, com base na dominância das relações de produção capitalistas. Por exemplo, embora o Parlamento seja formalmente aberto a todas as classes e grupos sociais são as classes dominantes que sempre conseguem a aprovação de medidas favoráveis a seus interesses de conjunto; do mesmo modo, na cena política, são os partidos defensores do capitalismo, ou no máximo preocupados com a conquista de certo “bem-estar social” nos seus próprios marcos, que conquistam as principais posições no interior do aparelho estatal.



Para que *Veja* conseguisse um construto político e histórico sobre o capitalismo, o Leste Europeu foi denominado por diversas vezes e por diferentes perspectivas. A revista buscou definir o bloco soviético como:

**o comunismo se instalou na Europa. E se instalou não por vontade própria**, mas porque, em 1945, nas conferências de Yalta e Potsdam, a URSS de Stálin e os EUA de Truman (e depois Roosevelt) dividiram a Europa em áreas de influência. Dessa divisão surgiu uma **entidade geopolítica artificial, a chamada Europa do Leste**, mas tremendamente palpável enquanto realidade econômica. A Europa comunista é formada hoje por nove países com mais de 150 milhões de habitantes. Junto com a URSS, são mais de 430 milhões de pessoas vivendo numa região imensa, de amplos recursos materiais, e instalados bem no meio de um terremoto político e econômico. (VEJA, 1.101, 1989, p. 60, **grifos nossos**).

Nessa matéria, os trechos publicados por *Veja* tinham como objetivo explanar um breve resumo do surgimento da URSS; porém, como toda matéria da *Veja*, os trechos eram tendenciosos, sem nenhum cuidado histórico, apenas entregando uma informação vazia, sem contextualização histórica ou aprofundamento dos fatos históricos.

No entanto, o processo de restauração do capitalismo dentro do Leste Europeu foi um caos político e econômico:

Na primeira metade de 1990, (sic) estava instalado na URSS (sic) um completo caos econômico e político. A desestruturação econômica e (sic) a esta altura (sic) a inexistência de qualquer autoridade política ou controle por parte do aparato central abrirá espaço para uma ofensiva política mais decidida dos reformistas radicais quanto à definição de um ponto final de chegada para as reformas: a reintrodução de uma economia de mercado nos moldes capitalistas. No início do processo, mesmo os conservadores apoiavam a introdução de mecanismos de mercado, mas como forma de dinamização da economia ainda nacionalizada. Mas não parecia haver consenso sobre retornar a uma economia de tipo capitalista como a que se chegou na década de 90, ou



pelo menos sobre os ritmos em que isso se daria. (RODRIGUES, 2006, p. 238).

Todavia, na *Veja*, esse caos político era visto como um processo normal de abertura econômica para o capitalismo. Durante as eleições promovidas pelos países, pode-se analisar que as matérias foram relacionadas ao processo de “liberdade” que o capitalismo “oferece”. Na revista: “eleições livres” (VEJA, 1.071, 1989), anunciadas como “Primavera do Leste”, foram representadas como os “primeiros ensaios democráticos” (VEJA, 1.071, 1989). Essa frase na matéria simbolizou, para *Veja*, o processo de abertura política dos países. Todo esse processo político aconteceu de forma gradativa e, ao mesmo tempo, simultânea na URSS e nas Democracias Populares.

Assim, a revista definia que “primavera” no Leste Europeu representava um novo ciclo econômico e político. As eleições de novos representantes políticos simbolizariam o florescimento da Democracia Burguesa. Ou seja, na defesa de *Veja*, o Leste Europeu estaria experimentando, pela primeira vez, a “primavera nas urnas” (VEJA, 1.071, 1989), ressaltando que “os países sentiriam os tremores de uma avalanche política” (VEJA, 1.074, 1989). A idealização de uma Democracia Burguesa representada pelo voto era ressaltada no editorial como um terremoto político, e os resultados disso representavam os abalos das estruturas socialistas. E o racha político entre os países seriam simbolizados diversas vezes pela foice e pelo martelo rachados, nas páginas de *Veja*.

**Imagem 7.** As siglas da URSS desintegrando-se



**Fonte:** Acervo digital. *Veja*: Edição: 1.198, 04.09.1991.



Nesse sentido, além da desintegração da URSS, na revista, as diferentes derrotas que os líderes soviéticos teriam enfrentado nas eleições em 1989, representaram evidentes mudanças políticas e econômicas, como reivindicações dos cidadãos dentro da do Leste Europeu. Para a *Veja*, a Democracia Burguesa representaria a liberdade econômica e política, a implantação do livre mercado.

A Democracia Burguesa aparecia, nas páginas da revista, como uma característica do capitalismo. Desse modo, as publicações apontavam as eleições como o causador da falência do Socialismo Real. Em outra matéria, encontrou-se um trecho sobre a posição assumida pela publicação:

Uma importante parcela do partido reluta em abandonar um modelo de sociedade que ainda hoje exerce poderosa atração, em particular para os países do Leste Europeu que tentam se livrar das ruínas do socialismo estilo soviético e, quase invariavelmente, apontam a mistura de democracia com segurança social oferecida pela Suécia como a receita ideal. (VEJA, 1.118, 1990, p.48).

Na maioria das vezes, a Democracia Burguesa apareceu, no editorial da *Veja*, como sinônimo de pluralismo político e liberdade econômica, enquanto o socialismo foi trajado como um sistema político ditatorial. No entanto, historicamente, o socialismo dá voz aos trabalhadores e rompe com as estruturas de classe, o que, para o capitalismo, é ruim. As “eleições livres” tinham como objetivo manter as regras do jogo, isto é, a restauração do capitalismo dentro dos países e a livre concorrência política e de mercado. Posto isto, para *Veja*, nada era “mais democrático” do que manter “eleições livres” e “representantes legítimos” que pudessem se eleger.

Todavia, à medida que as reformas liberais iam avançando dentro das Democracias Populares e na União Soviética, a revista publicou e defendeu uma posição incisiva com relação às reformas, afirmando que as medidas



tomadas pelo Leste Europeu eram reformistas e não levariam a nenhuma ruptura com o “comunismo”. Essa posição ficou explícita na matéria “Terremoto no Leste”: “as eleições não foram nem livres nem ameaçam o monopólio do poder do Partido Comunista” (VEJA, 1.074, 1989, p.44).

Na cobertura jornalística sobre o Leste Europeu, a tática usada por *Veja* foi a de utilizar certas ideias e frases concernentes à literatura marxiana e marxista acerca do comunismo e do socialismo como instrumentos político-ideológicos de crítica às experiências socialistas do Leste Europeu.

A revista declarava que tudo aquilo que os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels tinham afirmado sobre o capitalismo, o socialismo enfrentaria: “Todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar, tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado, é profanado. Na Europa comunista tudo que era sólido se desmanchava no ar e tudo se transformava no seu contrário” (VEJA, 1.074, 1989, p.44). Ou seja, para *Veja*, o Leste Europeu se desmanchava e desintegrava politicamente e econômica e, ao mesmo tempo, se transformava com as reformas políticas e econômicas.

Por conseguinte, a frase utilizada por *Veja* foi retirada do “Manifesto do Partido Comunista”, publicado em 1848. O trecho publicado por *Veja* tinha como intuito postular o seguinte: se, por um lado, o capitalismo poderia se transformar no seu contrário, por outro, o comunismo poderia se tornar “antiquado”, ou seja, tudo o que era sólido se desmanchava no ar, para essa mudança todas as estruturas econômicas e políticas deveriam se transformar.

Ainda, durante toda essa transição política a revista chamou os países como “Bloco da mudança” (VEJA, 1.101, 1989, p.60.). Os países do Leste Europeu seriam chamados ora de bloco soviético, ora de bloco comunista ou bloco oriental. Além disso, em 1989, o bloco simbolizava para *Veja* um conjunto de países que surgiu após a conferência de Yalta, que naquele momento



representava um grupo de países que buscava mudanças econômicas e políticas. Assim, a revista afirmava:

Os dois fatos revelam o **lado sombrio das mudanças que agitam o Leste Europeu**: ao mesmo tempo em que abriu as portas do antigo bloco comunista para a democracia, a perestroika destampou também o porão onde estavam confinados os fantasmas seculares do racismo, do antissemitismo e da xenofobia nacionalista. (VEJA, 1.129, 1990, grifos nossos).

Em meio a todo a crise econômica e política nos países do bloco soviético, *Veja* levantava problemas que as Democracias populares e a União Soviética poderiam encarar com a restauração da economia de mercado. No editorial, o resultado da restauração do capitalismo era que “o bloco soviético avançou em passo acelerado para o museu da História” (VEJA. 1.129, 1990, p.102).

O Leste Europeu “já fazia parte de um passado remoto e os rumos traçados pelos países não tinham mais volta para o comunismo” (VEJA, 1.112, 1990, p.102). Além disso, *Veja* defendia que, no “Leste Europeu após a II Guerra, a própria União Soviética se tornou cada dia mais distante da ‘ditadura do proletariado’ fundada por Lênin em 1917” (VEJA, 1.112, 1990, p.102). O que legitimou a revista a afirmar: “Os países do Leste estão adotando reformas econômicas em cuja base estão os preceitos da economia de mercado” (VEJA, 1.106, 1989, p.5), concluindo que “O Leste Europeu não transitará sem tropeços para a economia de mercado” (VEJA, 1.106, 1989, p.5).

Cada país foi representado por *Veja* com suas especificidades e particularidades político-econômicas. Para compreendermos a totalidade do processo político que ocorreu dentro das Democracias Populares e da União Soviética em 1989, foi analisado como a revista defendeu e representou este



processo de restauração do capitalismo dentro de alguns países do Leste Europeu, como Polônia, Hungria, Alemanha Oriental e a União Soviética.

## CONCLUSÃO

Para concluir, o artigo teve como objetivo analisar e entender como se constituiu o posicionamento político da revista em relação à restauração da economia de mercado nos países do bloco soviético. Além disso, procuramos compreender como *Veja* representou essas crises econômicas e políticas do Leste Europeu. A relevância desta pesquisa residiu em problematizar como, ao longo dos anos, *Veja* contribuiu para reforçar a ideia do “inimigo interno” ou do “anticomunismo” no Brasil.

Sendo assim, em sua cobertura jornalística, *Veja* procurou explicar aos seus leitores, através de sua ótica anticomunista, o que estava acontecendo na União Soviética e nos países do bloco soviético e, principalmente, forjar um consenso acerca do colapso do socialismo real. Neste sentido, *Veja* não só desenhou os perfis econômico, político e histórico de cada país, como procurou traçar o futuro de cada um.

A revista fez uso de diferentes recursos jornalísticos para fabricar fatos e discursos sobre o colapso do bloco soviético. As matérias publicadas no Brasil tinham, como intuito, concluir que todos os países do bloco eram “comunistas” e estavam arruinados economicamente, ao contrário do capitalismo, que era um sistema vitorioso, que possuía “liberdade econômica e política”. Como pode-se perceber, em seu editorial, a revista utilizou-se de diferentes recursos linguísticos, gráficos e jornalísticos, os quais induziam a frases e textos com trocadilhos e anacronismos históricos.

No decorrer do final do século XX, *Veja* vinculou o colapso do socialismo real ao fracasso das ideias de Marx e Engels e do marxismo: para a revista, a



queda do Muro de Berlim, a reunificação da Alemanha e a desintegração da URSS marcaram o fim do socialismo real e do comunismo no mundo.

## FONTES

Acervo Digital da Revista Veja: <https://veja.abril.com.br/acervo>.

Título da Matéria	Edição da Matéria	Data de Publicação
Polônia. Mão Estendida.	1.065.	01/02/1989.
Hungria: Cai uma estrela.	1.070.	08/03/1989.
Primavera no Leste.	1.071.	15/03/1989.
As Ovelhas Vermelhas.	1.074	05/04/1989.
Terremoto no Leste.	1.074.	05/04/1989.
Comunismo em concordata.	1.074.	05/04/1989.
Aberto para Reformas.	1.074.	05/04/1989.
A esperança do Leste.	1.084.	21/06/1989.
Adeus para quem fica.	1.096.	13/09/1989.
Cortina Rasgada.	1.097.	20/09/1989.
O bloco da mudança.	1.101.	18/10/1989.
Começa a transição.	1.102.	25/10/1989.
Comunismo Adeus.	1.111.	31/12/1989.



Paraíso congelado.	1.118.	21/02/1990.
Choque amargo.	1.118.	21/02/1990.
Polônia, ano zero.	1.124.	04/04/1990.
Democracia dói.	1.129.	09/05/1990.
Opção Capitalista.	1.132.	30/05/1990.

## BIBLIOGRAFIA

ARANTES JR., Abelardo. *A passagem do neoestatismo ao capitalismo liberal na União Soviética e na Europa Oriental*. Coleção relações internacionais. Editora FUNAG. (Fundação Alexandre Gusmão). Brasília. 2015.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHOMSKY, Noam. Fabricando el Consenso: El control de los médios masivos de comunicaci3n. Editado en Elche. Junio de 2005, p. 43 (Edici3n original: 1993).

FRANCISCON, Mois3s Wagner. *A Revista Veja: O Bloco sovi3tico do imp3rio do mal ao fracasso do comunismo*. (1985-1991). Editora CRV. Curitiba. 2013.

GONÇALVES, Patr3cia Assos; ALEXANDRIA, Ros3ngela Pereira de. *Percepç3o da cor: A influ3ncia da cor como informaç3o em an3ncios Publicit3rios*. Mar3lia: Revista de Iniciaç3o Cient3fica da FFC, 2012.

MARTORANO, Luciano Cavini. Democracia Burguesa e apatia pol3tica. *Revista Cr3tica Marxista*. S3o Paulo. Ed. Revan, v.1, n.24, 2007, p.37-50.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Organizaç3o e Traduç3o de Osvaldo Coggiola. 5ª. Ed. S3o Paulo: Boitempo, 2007.

M3SZ3ROS, Istv3n. *Para al3m do capital: rumo a uma teoria da transiç3o*. Traduç3o de Paulo Cezar Castanheira & S3rgio Lessa. S3o Paulo: Boitempo, 2011.



RODRIGUES, Robério P. *O colapso da URSS: um estudo das causas*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: O indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2005.

*Data de envio: 15/05/2023*  
*Data de aceite: 16/08/2023*